

Marcas & Negócios

BATUKENJÉ

Percussão com cultura, inclusão e pertencimento

Entre tambores e ritmos, o Batukenjé transforma, há duas décadas, a percussão em instrumento de expressão, formação e valorização da cultura afro-brasileira. O grupo de Brasília trabalha com a releitura desses ritmos e atua em quatro principais vertentes, que ampliam sua presença para além dos palcos. Ao promover formação, intercâmbio cultural, inclusão social e difusão cultural, o Batukenjé leva a força da percussão brasileira a diferentes públicos e territórios.

O nome ‘Batukenjé’ carrega um significado relacionado às culturas e línguas de matriz africana. “O sentido atribuído ao nome é ‘tocar um som para Deus’, ou ainda tocar um som alegre, forte, rico e misturado para Deus. Para nós, esse significado representa muito da essência do grupo: a percussão como expressão de alegria, celebração, encontro, ancestralidade e conexão com o sagrado”, informa Ana Paula Caio Zidorio, assessora administrativa, integrante da Banda Show Batukenjé e esposa de Celin do Batuk.

O início da história se deu em um período de transformação na vida de Celin, marcado pela perda da mãe e pelo processo de luto. Foi nesse contexto que recebeu o convite de um amigo para

viajar à Finlândia e ministrar um workshop de capoeira. Durante a experiência, percebeu o interesse dos participantes pela percussão, elemento fundamental nas rodas de capoeira, e a vontade que muitos tinham de aprender a tocar os instrumentos.

De volta a Brasília, passou a ministrar aulas de capoeira em um curso de extensão da Universidade de Brasília (UnB). Ao final dos encontros, costumava organizar uma roda de instrumentos, criando um espaço para que os participantes experimentassem e aprendessem a tocar. Aos poucos, a atividade, que inicialmente complementava as aulas de capoeira, ganhou autonomia e se transformou em uma aula de percussão. Era o início do que viria a se tornar o Batukenjé.

No entanto, a relação com a percussão já fazia parte da trajetória do Celin do Batuk desde a infância. Ainda criança, sem ter instrumentos, ele utilizava baldes e painéis da mãe para acompanhar os grupos de Carnaval que passavam pelas ruas. Mais tarde, ao ingressar na capoeira, passou a aprender os instrumentos utilizados nas rodas, aproximando-se ainda mais da percussão, que se tornou parte fundamental de sua vida.

“Depois, tive contato com algumas pessoas vindas de Salvador que estavam morando em Brasília, como Delmo da Bahia e Mário Brother. Eles foram muito importantes na minha formação e no meu contato com a percussão afro-baiana e afro-brasileira. A partir dessas experiências, comecei a estudar cada vez mais por conta própria. Passei a pesquisar, ouvir, observar, experimentar e buscar diferentes referências dentro da percussão afro-brasileira”, conta Celin do Batuk, diretor artístico e mestre de Percussão do Batukenjé.

Celin conta que se considera um músico autodidata, visto que construiu sua formação fora das escolas formais de música. “Minha formação aconteceu principalmente na rua, nas rodas, na capoeira, na convivência com outros músicos e através da busca constante pelo conhecimento. Foi desse caminho de aprendizado contínuo que fui construindo minha própria maneira de tocar e, posteriormente, de ensinar a percussão”, ressalta.

Grupo familiar

Além da música, o Batukenjé tem na família uma de suas principais bases. Ao lado do mestre

Três perguntas para

Celin do Batuk, diretor artístico e mestre de Percussão do Batukenjé

O que significa para você arte inclusiva?

Para mim, arte inclusiva é a possibilidade de todas as pessoas participarem juntas da mesma experiência artística, independentemente de suas características, limitações ou necessidades específicas. No Batukenjé, isso acontece de uma maneira muito concreta. Pessoas com diferentes idades, capacidades e necessidades participam da mesma aula, tocam os instrumentos juntas e produzem música coletivamente. Não acreditamos que uma pessoa precise ser colocada em uma aula separada ou em uma atividade à parte simplesmente porque precisa de alguma adaptação.

Qual legado você gostaria de deixar?

O principal legado que eu gostaria de deixar é que o Batukenjé se perpetue. Que ele não termine com as pessoas que o criaram, mas que outras pessoas possam dar continuidade a essa história, mantendo vivos os conhecimentos, as práticas, a música e os valores que construímos ao longo desses 20 anos. O mais importante é que o Batukenjé continue existindo, se renovando e sendo vivido por novas gerações.



Como a música pode transformar a vida de uma pessoa?

A música pode transformar a vida de uma pessoa porque ela cria possibilidades de expressão, pertencimento e encontro. No Batukenjé, vemos pessoas que chegam para aprender a tocar e acabam encontrando um

espaço de convivência, amizade, autoestima e alegria. A música também pode abrir caminhos profissionais, culturais e sociais. Ela permite que cada pessoa perceba que tem algo a contribuir e que, quando sua contribuição se junta à dos outros, algo maior é construído.

Celin do Batuk, esposa, filha e irmã participam da organização, produção e gestão do grupo, contribuindo para sua trajetória ao longo de duas décadas. Essa atuação conjunta faz do Batukenjé não apenas um grupo de percussão, mas também um projeto familiar dedicado à música e à valorização da cultura afro-brasileira.

Atualmente, o Batukenjé reúne diferentes grupos de participantes, considerando suas oficinas, projetos socioculturais e a Banda Show. Nas oficinas abertas à comunidade, realizadas no Parque da Cidade, participam aproximadamente 60 pessoas. “Na Banda Show Batukenjé, o grupo é formado por 11 integrantes”, informa Ana Paula.

“Além disso, atualmente estamos desenvolvendo um projeto no Itapoã, voltado para mulheres idosas, com a participação de aproximadamente 20 mulheres. Recentemente, também concluímos o projeto Batukenjé Orquestrado, que circulou por três comunidades do Distrito Federal e envolveu 15 músicos em suas atividades”, acrescenta.

VIOÊNCIA/Willian César foi confundido com alvo de uma operação policial no Gama

Família dá adeus a vigilante

» DARCIANNE DIOGO

Balões brancos enfeitaram o céu em adeus ao vigilante Willian César Pinto Júnior, 48 anos, morto durante uma intervenção policial no Gama. Ontem, o corpo do trabalhador foi enterrado no Cemitério do Gama em meio ao clamor por justiça e pelo posicionamento das autoridades.

Com cartazes e blusas brancas, os amigos e familiares se reuniram na capela às 15h, e por duas horas velaram o corpo de Willian. Às 17h30, houve o sepultamento.

Enquanto elogiava o tio, Isabela César, 30, demonstrava revolta nos trâmites burocráticos para ter acesso à ocorrência do caso. Segundo ela, o pedido foi feito pessoalmente na Corregedoria da PCDF junto a uma advogada, irmã de Willian. “Nos perguntaram a motivação e falamos que gostaríamos de levar o caso ao Ministério Público para conduzir a investigação. Só nos passaram no final,

Darcianne Diogo/CB/D.A Press



O corpo da vítima foi enterrado no Cemitério do Gama

porque a ocorrência continha muitas inconsistências. Há muitos depoimentos contraditórios, que não condizem com os fatos”, criticou.

A família mantém a expectativa de um posicionamento por parte do governo. “Cabe uma postura do Poder Executivo de como foi essa operação, quais as circunstâncias e como foi feita. Willian admirava a po-

lícia e morreu nas mãos dela”, desabafou a sobrinha.

Alexandre Pereira, 52, trabalhava lado a lado com Willian e descreve o amigo como uma pessoa íntegra e correta. “Era ímpar. Não desviava da sua função e sempre estava ali para quem precisasse.” O colega ressalta que Willian amava a profissão e a desempenhava com carinho.

O amigo estava de atestado médico no dia em que Willian foi morto. Soube da fatalidade por uma ligação. “Começou a estranhar a demora dele a chegar no trabalho. Ele nunca faltava e nem atrasava. Ali, desconfiou que tinha alguma coisa errada”, explica.

Willian era terceirizado do Grupo Ágil e prestava serviços à Residência Oficial da Presidência do Senado havia 20 anos, cumprindo escala 12x36. Na quarta-feira, saiu de casa pouco depois das 5h40 em um Gol preto, na Quadra 8 do Setor Oeste do Gama. Deveria chegar ao trabalho às 7h.

Ao **Correio**, familiares afirmaram que Willian notou uma movimentação incomum na rua e, com medo, resolveu seguir por outra rua. Na esquina, foi abordado por policiais civis em uma viatura descaracterizada. Os agentes teriam mandado Willian descer do veículo e, em seguida, atiraram. O caso é investigado pela Corregedoria da PCDF.

ALERTA LARANJA

DF registra 46 incêndios em área de vegetação

» MANUELA SÃ*

Hoje, o Distrito Federal segue sob alerta laranja de perigo potencial de risco à saúde devido à baixa umidade, que tem mínima prevista para 15% no período da tarde. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), amanhã o tempo melhora um pouco com a umidade podendo cair a, no mínimo, 25%, índice considerado alerta amarelo.

Na quinta-feira, o DF registrou o dia mais seco do ano. A estação do Gama marcou 12% de umidade relativa do ar, enquanto Brasília também alcançou o menor patamar com 15%. A temperatura deve se manter elevada neste fim de semana. A previsão para hoje é de que os termômetros devem variar entre 15°C e 32 °C. Amanhã, a máxima continua a mesma, mas a mínima é de 20°C.

A combinação de ar seco, altas

temperaturas e vegetação seca eleva o risco de propagação de queimadas. O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) registrou, ontem, 46 ocorrências de incêndios em vegetação. A maior concentração de chamados foi em Sobradinho e no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). Uma dessas ocorrências foi registrada por volta das 12h em uma vegetação às margens da L4 Norte. Chegando ao local, os bombeiros controlaram as chamas localizadas em frente à subestação de tratamento da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb). A corporação reforça o pedido para que a população tome medidas para evitar queimadas. Em caso de foco de incêndio, a equipe deve ser acionada pelo telefone 193.

***Estagiária sob a supervisão de Malcia Afonso**

Obituário | Sepultamentos realizados em 21 de agosto de 2026

» Campo da Esperança

Aparecida Rodrigues de Almeida, 78 anos
Aquiochi Kawano, 78 anos
Carlos Roberto dos Santos, 59 anos
Francisco Pereira da Silva, 84 anos
Gustavo Cockell. Caneca Pereira, 45 anos
Leda Maria Seridó do Nascimento, 77 anos
Lucas Cândido Virtuoso, 34 anos
Maria dos Anjos Pereira, 90 anos
Marta Feitosa Lima Rodrigues, 60 anos
Miguelina Rodrigues dos Santos, 79 anos
Nelson Augusto Canini, 77 anos
Raimundo Nonato Viana, 81 anos
Terezinha Menezes dos Santos, 79 anos
Wagner Gil Santos de Almeida, 48 anos
Zaqueu Costa Rocha, 56 anos

» Taguatinga

Anthony Gabriel Castro dos Santos, menos de 1 ano
Antônia Tavares Moreira, 87 anos
Cleber Macedo Pinto, 60 anos
Diomar da Silva Sampaio, 56 anos
Elizabeth Gonçalves de Noronha, 63 anos
Ernane Freitas Bezerra, 56 anos
Ethel Valéria Coelho da Silva, 58 anos
José Antônio Rodrigues, 67 anos
Levi de Jesus Xavier Souza, menos de 1 ano
Maria Emília Teixeira Rodrigues, 51 anos
Nazareno Machado Portela, 86 anos
Sebastião Rodrigues da Silva, 84 anos
Vanderson de Jesus Ramos, 44 anos

» Gama

Domingas Alves de Oliveira, 75 anos
Leônicio de Jesus Crepaldi, 60 anos
Maria Conceição da Silva Leite, 85 anos
Maria do Rosário de Fátima de Carvalho, 71 anos

Marinalva Venozina dos Santos Moreira, 74 anos
Sônia Ribeiro Damasceno, 50 anos
Willian César Pinto Júnior, 48 anos

» Planaltina

Adélia Pimentel da Rocha, 58 anos
Clébio de Sousa Araújo, 52 anos
Gustavo Ferraz Rodrigues, 29 anos
Jovelina Alves Sabino, 68 anos
Pedro Alcântara Alves, 65 anos

» Brazlândia

Felipe Mateus Ribeiro Lopes, 51 anos
João Luiz de Lima, 84 anos

» Sobradinho

Leandro Henrique Araújo de Souza, menos de 1 ano
Leandro Henrique Araújo de Souza, menos de 1 ano
Tereza Sousa Lima, 93 anos

» Jardim Metropolitano

Maria Celestina da Silva, 90 anos
Reginaldo de Albuquerque Maranhão, 74 anos (cremação)
Pedro Urnada, 82 anos (cremação)

MISSA DE 7º DIA LUIZ GUTENBERG



Rosângela, Cristina, Claudia, Marcos, Mauricio e Olivia convidam para a missa de Sétimo Dia do seu marido e pai amado,

LUIZ GUTENBERG.

A ser realizada no **sábado, 22 de agosto, às 19 horas, na Igreja São Camilo de Lellis - EQS 303/304 lote A**